

190

434



Lailson Duarte

Índios carajás e representante da Funai explicam à secretária projeto de ensino da língua nativa na aldeia de Buridina

Verba para educação indígena

Criado há quatro anos, o Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi, que se destina a reaproximar os índios da aldeia de Buridina, em Aruanã, da cultura carajá, está seriamente comprometido por falta de verbas. A escola onde os índios reaprendem a língua nativa está sem professor e não recebe merenda. Na unidade estudam praticamente todos os 76 índios adultos e crianças da aldeia, que fica no Centro da cidade. A situação foi apresentada ontem à tarde à secretária estadual de Educação, Raquel Figueiredo, por três índios carajás e pela coordenadora do projeto, professora Maria do Socorro Silva do Vale, da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Raquel Figueiredo se comprometeu a providenciar imediatamente os contratos dos dois professores de carajá e também o fornecimento da merenda escolar. Outra promessa da secretária foi a impressão de uma cartilha em carajá. Os textos e ilustrações estão prontos há meses, mas os índios não conseguiram

recursos para enviar o material a uma gráfica. Experiente nessa área de atuação, a secretária participou da criação, há cinco anos, do Comitê de Educação Escolar Indígena, do Ministério da Educação, responsável pelo estabelecimento de uma política intercultural voltada para o estudo da língua e dos costumes das comunidades que praticamente perderam sua identidade própria devido ao contato prolongado com os brancos.

Em Goiás, a secretária quer apoiar um projeto semelhante voltado para os últimos avá-canoeiros do Brasil. Seis índios dessa etnia vivem numa aldeia no município de Minaçu, no Norte de Goiás. Outros dez estão na Ilha do Bananal. Desses, apenas quatro são avá-canoeiros sem miscigenação. Os outros seis têm também o sangue javaé, de outra etnia que mora na Ilha do Bananal. "Precisamos dar apoio a esses grupos que estão em situação de quase perda de sua identidade cultural, embora não tenhamos, na Secretaria, um quadro de pro-

fessores indígenas", explica. Os carajás de Aruanã também estão bastante miscigenados. Muitos índios que moram na aldeia são casados com brancos.

Auto-estima

O projeto foi criado em 1994, por intermédio de uma cooperação da Funai, Prefeitura de Aruanã, Secretaria Estadual de Educação e Universidades Católica e Federal de Goiás. Os índios carajás da Ilha do Bananal participam como assessores, ensinando costumes que se perderam no contato com os brancos, como rituais, cantos, artesanato e a própria língua. Na época da implantação, poucos deles se comunicavam entre si em carajá. Eram apenas quatro artesãos. Hoje, todos dominam as técnicas de artesanato em argila, palha e pintura e reaprenderam a língua nativa. "É muito importante também a recuperação da auto-estima", diz a professora Maria do Socorro. "Antes, muitos escondiam a sua cultura e, hoje, todos têm orgulho dela".